



SE EU NÃO TIVESSE ME GUARDADO...HISTÓRIAS SOBRE SEXO E CASAMENTO NOS ANOS 60

Andréa Branco Simão¹

Analisar e debater questões relativas à sexualidade e ao casamento implicam, necessariamente, estabelecer uma relação com o contexto social, político, econômico e cultural de cada sociedade. Idealmente, este exercício deveria nos fazer voltar alguns séculos para que conhecêssemos melhor a maneira como as pessoas pensavam, falavam e se comportavam em relação ao sexo e ao casamento. No entanto, por questão de espaço, nesse estudo não é possível percorrer esse caminho.

Apesar disso, vale ressaltar que, no Brasil, foi durante os anos de 1960 que a Editora Abril lançou a revista *Cláudia*, a qual, segundo Ribeiro (1985), “tinha como um de seus principais objetivos orientar as mulheres não só na moda e na cozinha como, também, na vida como trabalhadoras e como pessoas”. Foi também durante os anos de 1960 que as novelas de Janete Clair começaram a experimentar um êxito crescente e que o país se escandalizou e se encantou com Leila Diniz, que exibiu, na praia de Ipanema, sua barriga de grávida. Adicionalmente, foi durante os anos de 1960, que o advento de novas atitudes diante do sexo e do casamento e a introdução da pílula anticoncepcional trouxeram, para homens e mulheres de todo o mundo, a possibilidade de separar sexualidade e reprodução (Barsted, 2003). No Brasil, essa separação aconteceu num contexto onde as relações de gênero e o controle social da sexualidade das moças ainda se apresentavam sob uma forma bastante tradicional (Bozon, 2004).

Assim como a década de 1960, os anos de 1970 também foram marcados por inúmeros acontecimentos. O país vivia um clima de contestação, repressão, tortura e censura. Foi nessa década, por exemplo, que o então presidente do Brasil, General Ernesto Garrastazu Médici, num acesso de moralismo mandou prender as prostitutas brasileiras. Como as prisões do Rio de Janeiro e de São Paulo já estavam lotadas, os policiais usaram de violência para dissuadi-las de exercer ofício tão contrário à moralidade do regime. Também foi durante os anos de 1970 que Cidinha Campos foi proibida pela censura de falar a milhares de mulheres sobre a “mulheridade” em sua peça *Homem Não Entra nº 1* e que Heleieth Saffioti publicou *A Mulher na Sociedade de Classes*. Na televisão e no cinema, *Dona Flor e seus Dois Maridos* e *Chica da Silva* mostraram mulheres com padrões de



comportamento fora do esperado e que a série *Malu Mulher* focalizou temas como orgasmo, lesbianismo e aborto (Ribeiro, 1985). Foi também na década de 1970 que o debate público, por meio do recém-organizado movimento feminista brasileiro, passou a incorporar as demandas por direitos relativos ao campo da sexualidade e da reprodução (Barsted, 2003).

Contudo, apesar das inúmeras transformações que aconteceram no país, as distinções entre os papéis masculinos e femininos continuaram evidentes. A moral sexual diferenciada permaneceu forte e, embora o Brasil acompanhasse, de alguma maneira, as tendências internacionais de modernização e emancipação feminina, também se prendia à idéias que defendiam que a mulher ideal era aquela que desempenhava papéis tradicionalmente femininos – ou seja, que se dedicava às ocupações domésticas, ao cuidado do marido e dos filhos. A resignação, o instinto materno, a doçura e a pureza, por exemplo, eram consideradas como características femininas desejáveis.

A perspectiva em relação ao que era ideal para a mulher não se restringia apenas ao casamento. Havia, também em termos de comportamento sexual, alguns padrões que deveriam ser seguidos pelas jovens da época. Por exemplo, não ficava bem para uma moça sair com muitos rapazes diferentes. Aquelas que permitiam beijos e abraços mais intensos ou algum outro tipo de contato mais íntimo não eram vistas como moças para casar. Explorar a sexualidade e conhecer o parceiro com mais intimidade resultaria em uma má reputação e poderia atrapalhar os planos de casamento, pois caberia ao homem escolher uma “moça direita” para ser sua mulher (Bassanezi, 1997). Nesse contexto, o casamento e a maternidade faziam parte da trajetória natural das mulheres, as quais só deveriam ter algum tipo de experiência sexual depois de oficialmente casadas. Caminhos distintos do esperado só poderiam gerar infelicidade para a mulher e para as pessoas à sua volta.

Rago (2004) lembra que de um lado estavam as mulheres consideradas como ideais, que se identificavam com a maternidade e a esfera privada do lar, que sonhavam com um bom partido para um casamento indissolúvel e, do outro, estavam aquelas que gostavam de circular livremente, mas que pagavam um preço alto, sendo moralmente condenadas, sofrendo, até mesmo, perseguição policial e algumas formas de violência. Nessa direção, Bozon (2004) ressalta que, apesar das mudanças, a perda da virgindade antes do casamento era (e ainda é em alguns locais) uma transgressão grave que levava a mulher para fora da categoria das honestas que poderiam ser desposadas.

¹ Doutora em Demografia pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professora Adjunta III do Curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Unidade de Contagem e Pesquisadora do Cedeplar/UFMG. deia@cedeplar.ufmg.br



Assim, pode-se dizer que o mundo masculino, diferentemente do feminino, era marcado pela participação do homem no mercado de trabalho, pela iniciativa, pela independência, pela capacidade de sustentar a casa e pelo espírito de aventura. Enquanto a esfera privada, do lar e de seus afazeres, era reservada às mulheres, a esfera pública era o espaço *dos* e *para* os homens, os quais eram levados a provar sua masculinidade o mais cedo possível. Essas experiências masculinas poderiam ser com prostitutas ou com mulheres mais velhas. O importante é que a iniciação sexual não deixaria margem para dúvidas quanto a masculinidade do jovem e mostraria a capacidade do mesmo para procriar. Nessa direção, Bassanezzi (1997) esclarece que, diferentemente das mulheres, as relações sexuais dos homens com várias mulheres não somente eram permitidas como incentivadas e indicavam virilidade. Portanto, conforme Bozon (2004), a sexualidade, contribuiu, e continua a contribuir, para conferir status radicalmente diferentes para homens e mulheres.

Dentro deste contexto, o objetivo deste estudo é analisar, a partir de relatos de mulheres belo horizontinas que pertencem a uma geração que viveu a juventude entre o final dos anos 1950 e o início dos anos de 1970, o significado do início da vida sexual e do casamento. Em particular, este estudo pretende refletir sobre como estes eventos influenciaram a conformação da noção sobre o que é considerado um comportamento próprio do masculino e do feminino e sobre como afetaram as trajetórias de vida dos indivíduos, particularmente das mulheres.

Este artigo está dividido em quatro partes distintas mas relacionadas, sendo a primeira delas esta introdução. A segunda parte trata dos dados e métodos utilizado no estudo. A terceira traz os resultados obtidos a partir da pesquisa desenvolvida e a quarta e última parte apresenta algumas considerações gerais sobre as questões abordadas.

Dados e métodos

O material apresentado e analisado neste estudo é proveniente de seis grupos focais realizados com uma geração de mulheres que viveu a sua juventude nos anos de 1960 e início dos anos de 1970. Essas mulheres eram de diferentes níveis de escolaridade e raça/cor, e tinham em comum o fato de terem vivido a juventude em Belo Horizonte. Ao todo, trinta e oito mulheres participaram dos grupos, os quais tinham, no mínimo, seis participantes e aconteceram entre 2003 e 2004.

Definido como uma técnica que se fundamenta na interação entre os indivíduos, o grupo focal (GF) é uma fonte efetiva de dados para estudos que se propõem a investigar normas sociais,



expectativas, valores e crenças. A referida técnica permite um entendimento mais amplo a respeito da dinâmica das atitudes, opiniões, motivações e preocupações expressas por indivíduos que integram um determinado grupo (Morgan, 1988).

Todos os grupos foram gravados. As gravações foram transcritas por profissional especializado e a análise foi desenvolvida partir da proposta de Attride-Stirling (2001), denominada redes de temas. A referida proposta permite que os dados coletados sejam organizados e analisados a partir de seis passos fundamentais: i) codificação; ii) organização dos temas codificados; iii) construção de redes temáticas; iv) descrição e exploração das redes temáticas; v) sumário dos temas; vi) interpretação dos padrões encontrados.

O estudo foi encaminhado e analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. Também é importante ressaltar que os resultados aqui apresentados são parte de uma estudo mais amplo sobre mulheres em Belo Horizonte, denominado *A Primeira Relação Sexual, o Primeiro Casamento e o Nascimento do Primeiro Filho: Um Estudo Quantitativo e Qualitativo de Duas Coortes de Mulheres em Belo Horizonte*²

O próximo item desse estudo apresenta alguns extratos de falas coletados durante a realização dos grupos. No primeiro momento, são apresentados os extratos sobre sexualidade e, em seguida, aqueles mais diretamente relacionados ao casamento.

As mal faladas e as moças para casar

Os discursos das participantes dos grupos focais revelaram as normas prevalecentes em relação ao comportamento sexual que permeavam a sociedade na época em que eram jovens. As falas reafirmaram os resultados encontrados por Miranda-Ribeiro (1997) em sua tese sobre a transição da sexualidade no Brasil, os quais ressaltaram que, entre as mulheres das gerações passadas, a perda da virgindade poderia significar a ruína da reputação. Uma jovem que tivesse perdido sua virgindade teria uma redução drástica nas chances de se casar na Igreja, de véu e grinalda, podendo até mesmo ser devolvida após o casamento se o noivo desconfiasse ou percebesse o que havia ocorrido. A fala de uma das participantes, apresentada a seguir, ilustra esse aspecto.

P16: A virgindade, na minha época era... coisa que deveria ser guardada... muito bem guardada. Moça que não era virgem na minha época, não tinha mesmo valor. E era, inclusive o que a minha mãe passava prá mim assim que... se no dia do casamento, se a gente não fosse virgem o rapaz devolvia a gente pró pai. Eu sempre ficava

² Tese de Doutorado em Demografia, defendida em março de 2005 no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), disponível no sítio www.cedeplar.ufmg.br



com aquela... expectativa, né?. E... eu sempre tinha aquela... aquela, aquela cisma, né? Que sempre eles falavam: a moça que não é virgem, ela é devolvida.
(Grupo 3, negras, baixa escolaridade)

Similar ao que Miranda Ribeiro (1997) e Bassanezzi (1997) encontraram em seus estudos, os depoimentos das mulheres que participaram dos grupos focais também enfatizaram a existência de uma divisão das moças em dois grupos com características opostas: as mal faladas, ou galinhas e as moças de família. As jovens que não seguissem as normas de comportamento sexual estabelecidas para as mulheres ficavam conhecidas como galinhas ou como perdidas. As galinhas ou as perdidas ficavam mal faladas, corriam o risco de não se casarem e eram excluídas pelas moças consideradas de família, as quais não deveriam arriscar sua reputação andando na companhia das mal faladas. O diálogo apresentado a seguir mostra esses pontos.

P104: Se alguém descobrisse que a gente tinha perdido a virgindade, era falada, né? Mulher falada.

P105: Perdia a moral.

P108: Nem casava, né? Às vezes nem casava.

P109: Ficava como se fosse uma marca.

P104: É. A reputação da mulher naquela época, naquele tempo lá, né? Quando era jovem a reputação da gente ficava exatamente entre as pernas.

P104: Todo mundo sabia se você era virgem ou não. (risos).

P106: As meninas que transavam, todo mundo sabia que elas já não eram virgens...Tinha uma separação.

P108: Tinha. As galinhas, as cocotas, as num sei o quê. Tinham um rótulo as meninas que transavam, né? E... e a gente que num transava, que era mais... que era careta tinha até... um desconforto de ficar junto com essas meninas.

P104: Ah! Não podia.

P107: É, aí a gente ficava com... um rótulo ... que se a gente andasse com a fulana de tal. Ah, não, fulana de tal... não pode andar com ela não.

P107: Era como se fosse uma doença.

P107: Uma doença grave. Contagiosa. (risos).

(Grupo 17, negras, alta escolaridade)

Se, por um lado, a preservação da virgindade até o casamento garantia às moças uma boa reputação e uma maior chance de casamento, por outro, não assegurava a compatibilidade sexual com o marido. Bem pelo contrário, vários depoimentos revelaram a insatisfação das mulheres nessa dimensão da vida conjugal.

Eu acho mulher não tem que [se guardar] ... porque eu acho que se eu não tivesse me guardado, se eu tivesse experimentado antes, não teria casado com ele, né? Então, eu pensava isso, tudo isso. Eu pensava assim: eu vô prepará minhas filhas, eu vô prepará as minhas filhas...

(Grupo 07, brancas, baixa escolaridade)

P40: Agora, a gente mesmo, quer saber de uma coisa, sabe quando eu tive orgasmo na minha vida? Nunca...como é que vô conversar com minha filha? Se pudesse, nem teria casado.

P38: Eu vivi com meu marido muitos anos e nunca tive orgasmo com ele. Que casamento...

P43: A gente tinha medo da noite do casamento.

P40: Por isso que eu tô falando, como é que a gente vai conversa com as filhas...

(Grupo 07, brancas, baixa escolaridade)



A forma como foram ensinadas a tratar as questões relativas a sexo e sexualidade repercutiu na maneira como essas mulheres passaram a lidar com assuntos relativos a sexo e sexualidade com as próprias filhas. Embora percebam que há uma maior liberdade, elas ainda têm muita dificuldade para tratar de assuntos dessa natureza. Isso porque, independente da raça/cor ou nível de escolaridade das participantes, assuntos relativos a sexo e sexualidade eram envoltos em falta de informação, medo, vergonha e insatisfação. O interesse e o direito das mulheres ao prazer sexual eram assuntos que não se discutiam, pois a socialização para a sexualidade não era algo que deveria acontecer dentro do espaço familiar, onde tudo que se referia a sexo e sexualidade *era visto como pecaminoso*.

M: Agora tem uma coisa que você falou é... que se tinha muito medo das mães, né? Dos pais. E com quem se conversava sobre isso [sexo]?

P38: Não existia.

P41: Com ninguém.

P40: Não tinha. Não tinha mãe, não tinha amiga.

P37: Num tinha de jeito nenhum. E ninguém falava com a gente.

P38: É. Eu fui sabê dessas coisas, gente, tava prá casa. Depois que eu casei que ela [a mãe] foi me contá, e eu tremia quando fui pra noite de núpcias. Eu tremia de medo quando ela foi me contá o fato. E então eu não queria casá, por isso às vezes meu casamento não foi muito legal. Por que às vezes eu tive um problema de vergonha, eu tenho vergonha até hoje do meu marido.

M: E vocês acham que isso era comum entre as mulheres da geração?

P41: Ah! Era. Pode tê certeza.

(Grupo 07, brancas, baixa escolaridade)

P88: ...hoje em dia as coisas estão mais abertas. Porque, antigamente, a gente não falava sobre menstruação, nem coisas do gênero...

P89: Tinha pavor, ninguém sabia disso e tal. Eu, pelo menos, aprendi com a com a vizinha, com mãe da minha vizinha que ensinou isso para ela e que passou prá gente...

P86: Nessa parte a coisa tá mais liberal, fala-se, comenta-se, dá-se o nome adequado às coisas.

P90: Hoje se fala a verdade. Antigamente não.

P87: É tão bonito...antes, tudo era pecaminoso... antigamente era tudo aquele absurdo.

(Grupo 14, negras, alta escolaridade)

Apesar das normas existentes e do controle ao qual eram submetidas, algumas jovens transgrediam os padrões prevalecentes e se envolviam de maneira mais íntima com os parceiros. Aquelas que não conseguiam manter em segredo tal situação sofriam as conseqüências, que eram ainda mais duras nas áreas rurais, onde as moças eram obrigadas a casar mesmo se não quisessem.

P40: Na nossa época, obrigava a casá.

P38: Era obrigada a casá, uai!

P43: Quando eu tinha os meus quatorze, quinze anos, né? Que eu saí da roça pra ficá na cidade, a minha tia contava que fulana de tal, filha de fulana de tal, casô na polícia e vestiu...eu nunca vi isso, só ouvia eles contarem, né? E vestia... o noivo com uma roupa de saco de linagem...

P42: Isso porque ele não queria casá, aquele problema todo, né? E a moça tinha que casá de qualquer jeito...ainda tem que passá a vergonha de casá na polícia, carregando o noivo lá e tudo...

P39: Eu morria de medo disso.

P43: Se os dois não quisessem casá... os pais, tanto de um lado quanto do outro... fazia o casamento...

(Grupo 07, brancas, baixa escolaridade)



A preservação da virgindade feminina era importante por, pelo menos, duas razões. Primeiro, para a construção e manutenção de uma boa reputação (tanto da moça quanto de sua família). Segundo, para ampliar as chances de casamento, evento para o qual a grande parte era preparada desde muito cedo.

Criadas para casar

O casamento era um evento esperado pelas mulheres, que eram criadas para serem boas donas de casa, esposas e mães. A Igreja com muitos convidados, o véu, a grinalda e o dobrar dos sinos – símbolos do casamento católico tradicional - faziam parte dos sonhos da grande maioria das participantes dos grupos focais.

P16: Na época da gente o sonho era casar.

P13: Casar com um véu de dez metros. É isso....

P18: Só pensava nisso antigamente.

P15: Era diferente.

P16: O sonho era ter casinha, fazer comida prô maridinho (com ênfase). Ai! Que gostoso! Antigamente era tão bom, né?

P18: Cuidar dos filhos, né?

P16: Na época que eu casei, qual era o sonho d'uma noiva?Meu sonho era um véu de dez metros...às seis horas da tarde e tinha que tá batendo o sino. Aconteceu tudo bonitinho. O véu de dez metros...

(Grupo 03, negras, baixa escolaridade)

Ter sido criada para casar e ser boa dona de casa significou, contudo, para muitas participantes, ter que esquecer dos próprios desejos e atender as necessidades do marido e dos filhos, sendo boa cozinheira, boa lavadeira e boa passadeira. Desempenhar todas essas atividades não implicava ser ou se sentir valorizada.

P38: Mas, a gente, no meu caso, né? Eu fui criada pra casar, pra ser dona de casa (com ênfase). Pra esperar o marido limpinha. Pra ser boa mãe, pra ser boa cozinheira, boa passadeira, boa lavadeira. Eu não fui criada pra ser mulher... e isso é com muitas da minha geração, a maioria, entendeu?

M: E como que era o casamento? O vem à cabeça de vocês quando eu falo casamento?

P38: Escravidão.

M: Escravidão? (surpresa).

P40: Eu acho. A gente fica ali preso. Ocê num tem valô.

P41: Ocê trabalha pra todo mundo em casa e pra muitas famílias tem valô. Mas, eu não. Acho que as pessoas não dão valô dentro de casa. É só trabalhá.

(Grupo 07, brancas, baixa escolaridade)

A boa dona de casa deveria, além de desempenhar todas as atividades domésticas, estar preparada para esperar o marido na volta do trabalho. Nesse momento, independentemente do que houvesse acontecido durante o dia, a mulher deveria estar com a casa organizada e de bom humor. Como não trabalhavam e dependiam financeiramente de seus maridos, essas mulheres se mostravam tolerantes a situação. Segundo elas, a divisão das tarefas domésticas não fazia parte da



realidade na qual viviam. Nos dias de hoje, de acordo com os depoimentos, os casamentos têm mais chances de darem certo porque os casais têm relações mais igualitárias.

P41: No meu tempo, se meu marido chegasse em casa e tivesse uma coisa fora do lugar, brigava. Eu tinha que estar limpinha e cheirozinha, de bom humor (com ênfase) e a casa um brinco, né? É... hoje não. Hoje... os dois chegam do trabalho e vão dividir as tarefas domésticas, né? Vão os dois pagar o apartamento, vão os dois pagar a prestação do carro... Por isso que eu acho que agora dá mais certo o casamento hoje.
(Grupo 07, brancas, baixa escolaridade)

Os depoimentos também revelaram diversas ambigüidades em relação ao significado do casamento. Para algumas, o casamento, hoje, nada mais é do que um contrato, do qual a mulher tem a opção de sair no momento em que desejar para recomeçar novamente caso não dê certo. Já na época em que eram jovens, os casamentos significavam alianças. Mas essas alianças, pelo que indicaram os depoimentos, implicavam tolerância, anuência, desculpas. Ou seja, dependia da submissão da mulher, que deveria fazer todo o esforço necessário para que ele fosse duradouro. A independência da mulher, em muitos depoimentos, era colocada como uma das causas da “desestruturação do casamento” e das separações. A responsabilidade pela continuidade do casamento foi atribuída, em diversos depoimentos, como um papel da mulher, que não deve “ultrapassar certos limites”.

P70: O casamento, pra mim, tem que sê feito...de renuncia, de tolerância, de entendimento, não é?... Você tem que renunciar muitas vezes... saber pedir desculpas, saber desculpar... E o quê que a gente observa hoje em dia com essas facilidades que estão tendo? As pessoas casam, já casam pensando assim: se der certo, ótimo. Eu vou conviver até ficar velhinha, eu e meu marido. Mas, se não der certo, eu tenho a opção, hoje muito mais aceita pela sociedade, de desfazer o meu casamento... Se não der certo, eu simplesmente separo e vou construir a minha vida com outra pessoa.

P71: Um casamento hoje é visto mais como um contrato, entende? É um contrato. Quando no nosso tempo era aliança. Então, aí está a grande diferença. Eu acho que a grande maioria de nós aqui, nós sempre achamos que o casamento era uma forma de aliança. O casamento de hoje é muito mais um contrato. Por exemplo, eu vô ficar enquanto der certo. Se não der certo, eu pulo fora, que se dane. Então, estamos caminhando pra uma geração totalmente desestruturada... E isto é gritante.
(Grupo 11, brancas, alta escolaridade)

P70: ...antigamente as mulheres não trabalhavam, eram dependentes do marido, sofriam muito. Eu tive participação num casamento assim muito sofrido. O marido com outra, com filho, com outra. E a pessoa segurando aquele casamento. Por quê? Porque não podia separar. Hoje isso não existe mais.

P69: Quer dizer, não era um casamento de amor, era um casamento super infeliz.

P74: Mas, por causa da sociedade não separava.

P68: Tinha medo.

P72: E hoje é um ganho.

P71: Poder separar foi um ganho. Porque hoje, a mulher com a independência que ela tem ela está, cada dia mais, lutando por essa independência e deixando de sofrer. Existiam muitos casamentos sofridos na minha época... Muitos casamentos sofridos porque a sociedade não permitia que você se separasse, que você fosse desquitada. Eu acho que hoje, a mulher evoluiu demais, cresceu demais. Tornou-se independente e não se sujeita mais a certo tipo de sofrimento.

P67: É. Mas é uma pena que extrapola um pouco, né?.

P69: É. Extrapola.

P70: Então, a mulher conquistou a liberdade, agora ela tá precisando conquistar a responsabilidade.

P71: É. Então, esse equilíbrio vem é com a, a experiência mesmo, né?.



(Grupo 11, brancas, alta escolaridade)

Os depoimentos são ilustrativos do papel do casamento na vida de uma geração de mulheres que vivia em Belo Horizonte. Esperado com ansiedade pelas jovens da época, o casamento nem sempre fazia com que seus sonhos se realizassem. O medo, a submissão e o sentimento de pouca valorização das atividades que eram realizadas no âmbito doméstico foram pontos enfatizados nos discursos. A separação, ou seja, a possibilidade de um recomeço, não fazia parte da realidade das mulheres que, depois que se casavam, deveriam fazer o máximo para preservar o casamento, mesmo que isso significasse insatisfação pessoal. Embora as mudanças nesse cenário sejam vistas como algo positivo, as falas das participantes revelaram que existe um sentimento de ambiguidade quanto ao papel da mulher dentro de um relacionamento. Tal ambiguidade se expressa nas afirmações que sugerem que, apesar de terem conquistado a liberdade, as jovens de hoje não possuem responsabilidade, pois *extrapolam* as regras, regras que a geração passada conhecia e seguia sem muito questionar.

Considerações Finais

Os depoimentos apresentados neste estudo trouxeram à tona experiências e interpretações de normas e comportamentos relativos à sexualidade e ao casamento prevaescentes entre mulheres belo horizontinas que viveram sua juventude durante os anos de 1960 e início dos anos de 1970.

Os depoimentos são ilustrativos do quanto a honra e a reputação femininas estavam vinculadas à sexualidade. As relações sexuais antes do casamento poderiam se transformar em um estigma para as mulheres, pois as expectativas sociais demandavam que as moças chegassem ao casamento na condição de *sexualmente inocentes*. Moças “vividias” ficavam mal faladas e não eram vistas como moças para se casarem, pois não tinham boa reputação. Nesse sentido, os atributos femininos eram inversos aos masculinos e a dupla moral sexual reforçava as desigualdades de gênero.

Mesmo com o advento da pílula e, portanto, com a possibilidade de separar sexo e reprodução, os depoimentos não mostraram um panorâma de maior liberdade para as mulheres que participaram dos grupos focais. Apesar de perceberem as diferenças que foram se estabelecendo ao longo dos anos, em termos de sexualidade e casamento, muitas mulheres da geração envolvida no estudo continuaram a se pensar a partir da linguagem masculina e a internalizar e valorizar os desejos dos homens. Os discursos apresentados indicam como os processos de socialização, de



aprendizagem de determinadas regras e o sistema de valores vivenciados influenciaram suas vidas e como, ainda hoje, se apresentam em suas experiências cotidianas.

Bibliografia

ATTRIDE-STIRLING, Jennifer. *Thematic networks: an analytic tool for qualitative research*. Qualitative Research, v.1, n.3, p.385-405, 2001.

BARSTED, Leila L. O campo político-legislativo dos direitos sexuais e reprodutivos no Brasil. In: BERQUÓ, Elza. (org.) *Sexo e vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI. Mary e BASSANEZI. Carla (org). *História das mulheres no Brasil*. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 1997. pg. 907-631.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MIRANDA-RIBEIRO, Paula. Começar de novo: um estudo comparativo do descasamento e recasamento. 1993. 144f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

MORGAN, David L. *Focus groups as qualitative research*. Newbury Park, Calif.: Sage, 1988. 85p.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURI. Gustavo; RECAMÁN. Marisol; OLIVEIRA. Suely (org.) *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p 31 –42.

RIBEIRO, Darcy. *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985.